

Segundo presidente do conselho directivo de Letras

Greve talvez seja prematura

A presidente do conselho directivo da Faculdade de Letras de Lisboa, Júlia Dias Ferreira, admite que a greve estudantil prevista para amanhã possa ter «um impacto muito grande».

«Não sei, porém, se não será prematura», ressaltou, em declarações à Rádio Renascença.

Fundamentando a opinião, disse que «algumas coisas ainda não estão decididas, designadamente no que respeita ao 'numerus clausus'», uma das questões constantes do caderno reivindicativo dos estudantes das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra.

«O 'numerus clausus' — esclareceu — é uma das questões e há que assinalar nela dois aspectos: é que há um 'numerus clausus' que é imposto à partida e outro que é imposto para o regime de transição, ficando os alunos licenciados também sujeitos a ele, na admissão aos estágios».

No caso concreto da Faculdade de Letras de Lisboa, observou que a carência de instalações que nela se faz sentir obriga a limitar os ingressos, sob pena de ter de se ordenar o seu

encerramento.

«Há um estudo para novas instalações — acrescentou — mas isso demorará ainda quatro ou cinco anos. Nas actuais circunstâncias, não é provável que fiquem todos os alunos».

Entretanto, um dirigente estudantil do Porto, Manuel Lof, disse que o objectivo da luta dos estudantes das Faculdades de Letras é ter um curso que lhes permita uma saída profissional.

É esta a questão que levou os estudantes a marcarem a greve nacional caso o ministro da Educação não os receba.

O problema foi levantado pela primeira vez pelos alunos das faculdades publicas de Letras em 1977, tendo a luta estudantil tomado formas mais agudas nos três últimos anos.

«As actuais Faculdades são autênticas fábricas de desempregados», desabafou Manuel Lof, que lamentou que os conselhos científicos das escolas sejam um dos obstáculos à sua reestruturação.

Os estudantes pediram também audiências ao Presidente da República, grupos parlamentares e à Federação Nacional dos Professores (Fenprof).

Os dirigentes estudantis estimam em cerca de 9 a 10 mil os

licenciados em Letras desempregados, responsabilizando por esta situação a estrutura actual dos cursos.

«Os cursos actuais são excessivamente generalistas e não permitem qualquer especialização, criando uma mão-de-obra que o mercado de trabalho não é capaz de absorver», disse Manuel Lof.

O plano de reestruturação que está a ser elaborado pelos conselhos científicos é, para os

estudantes, demasiado semelhante ao sistema em vigor, não criando novos cursos com saídas profissionais.

«Há que criar cursos de especialização que habilitem a funções profissionais em áreas como por exemplo interpretariado, serviços culturais do poder autárquico, bibliotecas e museus, ou ainda na cooperação com países africanos», disse Manuel Lof.

Este dirigente da Associação

de Estudantes do Porto referiu que a abertura de novas saídas profissionais iria permitir dispersar as expectativas profissionais, não se concentrando todas as expectativas na docência.

Os estudantes manifestam-se ainda contrários a que os já inscritos e que não serão abrangidos pela reestruturação tenham que defrontar-se com um apertado 'numerus clausus' nos quinto e sexto anos dos actuais cursos.



Vertical table with 31 rows and 1 column, containing numbers 1 through 31. Row 3 is marked with an 'X'.

CORREIO DA MANHÃ P 16

GREVE ESTUDANTIL

O presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras de Lisboa, Júlia Dias Ferreira, admitiu ontem que a greve estudantil prevista para quarta-feira possa ter «um impacto muito grande». No entanto — ressaltou — «não sei, porém, se não será prematura».

Fundamentando a opinião, disse que «algumas coisas ainda não estão decididas, designadamente no que respeita ao 'numerus clausus'», uma das questões constantes do caderno reivindicativo dos estudantes das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra.

Conflicto - estudantes